

## Literatura

# Um poeta face a face com a esfinge

Nos 110 anos de Mario Quintana, é a chance de rever sua obra refinada

Mariana Ianeli

ESPECIAL PARA O ESTADO

Mario Quintana não gostava de homenagens. O próprio fazia questão de contar a história de quando, convidado a escolher um poema para uma placa em sua homenagem na praça principal de Alegrete, recusou-se com a justificativa de que “um erro em bronze é um erro eterno”. O que era para render mais uma página à lista das deliciosas anedotas de Quintana acabou se tornando eterna boutade graças ao prefeito da cidade natal do poeta, que aproveitou o episódio como conteúdo da placa. Isso ilustra o fino humor de um poeta que detestava o teor protocolar dos encômios, e, especialmente, no mundo literário, o solene das escolas li-

terárias e academias de letras.

A obra e a personalidade de Quintana, contudo, não se resumem ao seu tão conhecido gosto pelas coisas simples. Nem às suas excelentes boutades, como dizer dos materialistas que são “o sepulcro de Deus” ou que os modernistas brasileiros um dia descobriram o Brasil. Quando dizia que não era preciso buscar “o lado de lá”, porque já há muito mistério neste mundo, Quintana dizia-o como poeta íntimo dos mortos e das crianças, esses que permanecem quem são num tempo de relógio sem ponteiros. Sua simplicidade vinha de um refinamento que era fruto de maturidade e de um convívio com o “mistério evidente” de uma poesia que não se deixa definir nem explicar.

Quintana se aborrecia com o



LTIANE NEVES/DIVULGAÇÃO

bestialógico (palavra dele) dos críticos. Defendia que um autor (sua obra) falasse por si, que não o obrigassem a prestar satisfações. Daí mais uma de suas preciosas tiradas: que um poeta só devia responsabilizar-se em face da Esfinge. Ao tomar o sobrenatural como natural dentro do mundo das letras, não hierarquizava motivos poéticos: podia ser um poeta familiar tanto de grilos e cigarras quanto de anjos bíblicos. Podia ser tanto espiritual quanto nostálgico.

Nesses 110 anos de Mario Quintana, comemorados neste

sábado, dia 30 de julho, quem se dispuser a revisitar seus livros, na bela coleção da editora Alfaguara, encontrará não só um amigo das singelezas da vida. Encontrará também alguém que sabia ser sublime, como no caso do poema *Uma Alegria para Sempre*, do livro *Baiú de Espanhos*, de 1986, que o poeta dedica à sua sobrinha-neta Elena. Quem reler um a um os livros dessa obra feita de memórias e invenções (sempre confundidas), encontrará não só uma alma saudosa de menino do interior do Rio Grande do Sul, adolescente

de colégio de internato, devorador dos livros de Dostoiévski. Encontrará também um grande leitor e tradutor dos simbolistas franceses, como Verlaine e Mallarmé. Não só um autor com o dom da brevidade em versos avulsos, epigramas e haicais, também um poeta moderno intelectualmente avesso à era da técnica, ao mundo cibernético, aos imediatismos.

Embora sejam marcantes em sua obra alguns dos aspectos mais frequentes na poesia moderna e contemporânea, como o humor, o espírito aforístico, a

informalidade e o elogio do singelo, o imaginário de Quintana propositalmente emana uma atmosfera de outro século, um pouco lúdica ou irônica, um pouco melancólica, do tempo dos bondes, dos lampiões, dos realejos, dos carroséis. Quase uma provocação literária, Quintana dizia ter feito seu “Curso d’Alma” com o decadentista Antônio Nobre. Sua estreia na literatura com um livro de sonetos (*A Rua dos Cataventos*), em 1940, é outro exemplo de como o poeta não se prendia a modismos vanguardistas com sua maneira de ser graciosamente honesto ao preferir estar nu, porque a nudez, afinal, é o que nunca sai de moda.

O segredo desse ar gracioso é o que tempera a nostalgia de um afeto por fantasmas de velhas casas de infância com corredores enlaurados e retratos de mortos pendurados nas paredes. É essa graça de continuar olhando a vida com certo ineditismo de boas-vindas, mesmo às coisas do passado, que torna saborosos os anacronismos do poeta. É, enfim, esse discreto equilíbrio entre erudição literária e sabedoria de vida que faz de Mario Quintana um autor a ser relido sempre com nova alegria.

\* MARIANA IANELI É POETA, AUTORA DE O AMOR E DEPOIS, TEMPO DE VOLTAR, ENTRE OUTRAS OBRAS



NA WEB

Versos. Leia poemas e frases de Mario Quintana

estadao.com.br/e/quintana110

# O desalento como companhia em busca sem fim

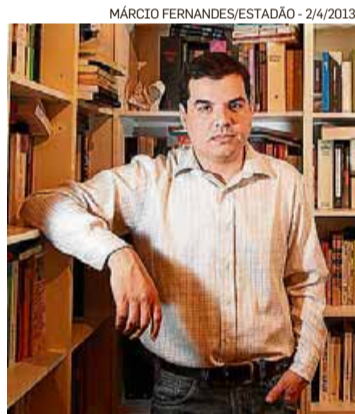
Romance mostra sinais inquietantes sobre a experiência humana em um universo onde a ética parece ter sido banida

Moacir Amâncio

ESPECIAL PARA O ESTADO

*Abaixo do Paraíso*, de André de Leones, traz um escritor que conhece a carpintaria do romance. É uma das primeiras estratégias é não entregar o livro logo de cara – o contrário também pode funcionar, dependendo da perícia do autor –, com uma narrativa distanciada que acompanha os fatos cotidianos no que eles têm de imediatos, na sua “concretude”, como se acontecessem aos nossos olhos, ao nosso redor, sem explicações e, portanto, enigmáticos como a realidade cotidiana. O personagem central, Cristiano, reage sob impulsos diversos, cujas causas ele ignora e o que tem de ponderável são suas ações repentinas que oscilam entre o sexo, a violência e o debater das personagens.

Não há explicações convincentes. Nesse sentido, lembra *O Estrangeiro*, a novela seminal de Camus, sobre alguém que comete um crime sem motivo aparente e talvez sem motivo nenhum e aí está o problema. Qualquer explicação esbarra em novas interrogações que, estas sim, lançarão sinais inquietantes sobre a experiência humana. Não é uma história solta no tempo e no espaço, mas bem plantada no centro do País, na órbita de Brasília, sonhada como uma janela para o futuro que funciona, porém, como um castelo medieval/kafkiano em relação ao qual só se pode viver na órbita, como os antigos vilões, aos quais é vedado aproximar-se, quanto mais ter acesso à fortaleza, dominada por alguém emblemático ao ponto da caricatura, e que se move de maneira soberana, incólume. É inatingível tanto pelos “vilões” que circulam nas periferias da capital e transfere um pouco dessa intocabilidade aos que o servem direta ou indiretamente, como Cristiano, embora tenha tido todas as chamadas boas condições para ter uma vida “correta”, de classe média alta: filho de



MÁRCIO FERNANDES/ESTADÃO - 2/4/2013

O escritor. André de Leones pai fazendeiro, formado em direito, nega-se a encarar as opções óbvias, trocando-as pelos afazeres esporádicos de um manager do submundo da política e da corrupção.

A narrativa é distanciada do ponto de vista emocional. Nada de panfletagem nem de equívocos político-literários cansativos, esgotados. O infinito espectro da ética parece banido. E tomem clichês de outros tipos, recurso usado habilmente pelo autor, como os “românticos”, em torno das relações entre as pessoas: família, amizades, compromissos de qualquer tipo, inclusive os sexuais – de tudo isso há apenas arremedos descartáveis no instante do diálogo, do ato profissional, do acaso íntimo chapado e sem o menor sentido, como tudo. Daí, entende-se o uso de lugares-comuns ideológicos e da linguagem, como o momento em que uma personagem feminina descreve o marido como alguém que confunde o ter e o ser, base da atmosfera dessa narrativa. Parafraseando Machado de Assis, a diluição é geral, envolve pessoas, coisas, instituições, tradições e outros mitos.

As reações espontâneas, explosivas ou pensadas, são o caminho para que se procure entender os fatos psicológicos e concretos das figuras masculinas e para isso concorre de modo decisivo o papel das personagens femininas, que se destacam e marcam o romance de fora a fora. Se o pai fazendeiro, o filho bacharel em direito e “inútil”, mais o agente da ralé política, após algum sonho estudantil, ganham linhas mais nítidas no confronto direto ou indireto com as mulheres da trama. Elas não são melhores do que ninguém. A tia de Cristiano resolve o remorso por ter talvez induzido o namorado

ao suicídio, sem perceber, embora a coisa tenha ocorrido, de maneira cínica, transformando todo o caso em fumaça de cigarros consumidos compulsivamente. A mãe dele, viciada em livros de ficção lidos às pencas, numa espécie de “adeus mundo cruel”. O clichê da hoteleira que não resiste a um hóspede meio misterioso tem a função de assinalar o traço comum entre essas mulheres que “socorrem” Cristiano e alimentam a própria ilusão inconsistente com o juramento clássico: agora você não está mais sozinho nem estará. Algo assim, raso, apenas banal.

E é dessa maneira que surge aquela que se coloca como a grande personagem do romance, mesmo sendo coadjuvante: Simone, a irmã (meia-irmã...) com quem Cristiano passa a ter um caso escrachado. Não se trata de mais uma bonitinha, mas ordinária. A peculiar psicologia de liquidação do Nelson Rodrigues fica no tempo e no espaço. Simone recomenda ao irmão que não pise, o que ocorre entre eles não deve ser levado a sério, que fique por isso mesmo, apenas parte da vida como ela é. Simone é uma personagem tão forte que poderia ser a protagonista não só desse, mas de um romance na sequência, num ciclo em que cada volume dialogasse com os demais. A jovialidade do seu comportamento torna-a intrigante o suficiente para isso. Diante da segurança com que o autor desenvolve a história, o leitor pode ficar intrigado com a interferência de uma dica para guiá-lo – algo contrário à concepção do romance – ao dizer de passagem que aquele mundo não conta nem mesmo como um messias. Dispensável, porque a narrativa fala por si mesmo. Além disso, parece que o recado já estaria dado no título do livro, que define um mundo dividido entre a corte absurda e seu esgoto de sustentação.



ABAIXO DO PARAÍSO

Autor: André de Leones  
Editora: Rocco (256 págs.; R\$ 29,50)

MINISTÉRIO DA CULTURA | PORTO SEGURO

APRESENTAM

**PRÊMIO BRASIL FOTOGRAFIA**

**em setembro**

**Frida Kahlo**  
Suas fotos | Olhares sobre o México

**Cartas de areia**  
José Rufino

**últimas semanas**

...exposição gratuita

**exposição dos premiados**

o espaço cultural porto seguro recebe uma mostra da produção fotográfica contemporânea brasileira: fotografia, vídeos multimeios, instalações e projetos experimentais da edição 2015.

**ESPAÇO CULTURAL PORTO SEGURO**

al. barão de piracicaba, 610, campos eliseos, fone (11) 3226-7361

**horário de funcionamento**  
terça a sábado, das 10h às 19h  
domingos e feriados, das 10h às 17h

**estacionamento**  
al. barão de piracicaba, 618, campos eliseos

**vans gratuitas**  
estação luz / espaço cultural porto seguro / estação luz

**agendamento via:**  
Garanta seu ingresso

**ingresso rápido**  
ingresso.rapido.com.br

ou na bilheteria no local

f e e @espacoculturalportoseguro  
espacoculturalportoseguro.com.br

APÓIO

LEI DE INCENTIVO CULTURAL

MANUSEIO

PRÊMIO BRASIL FOTOGRAFIA

PATROCÍNIO

PORTO SEGURO

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL

Alvará de funcionamento no 2016/12852-06. Validade 05/07/2017. AVCE - Projeto no 339900/3550308/2016. Validade 05/07/2017